



**ESCOLA DE  
FORMADORES**  
ICEP - Instituto Chapada  
de Educação e Pesquisa

*“O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação tu-eu.”*

*(FREIRE, 1987, p. 45)*

### **Outra escola é necessária e possível!<sup>1</sup>**

QUEREMOS UMA ESCOLA PÚBLICA DE QUALIDADE! Esta máxima está na ordem do dia todos os dias, para educadores que lutam pelas necessárias transformações do campo educacional. Ferreiro (1999) em seu livro, *Cultura Escrita e Educação*, nos diz “*Quem tem muito pouco, ou quase nada, merece que a escola lhe abra horizontes.*” O que mesmo queremos dizer quando afirmamos e reafirmamos esse desejo? O que nos mobiliza a pensar e lutar por isso? As respostas a essas indagações podem ser óbvias, podemos inclusive entender isso como um lema da nossa vida profissional. Profissionais da educação que somos. Formadores de formadores de pessoas! Mas, como então fazemos para que o nosso desejo se concretize em realidade? O que de fato precisamos construir como propósito para que saíamos do campo das reflexões e adentremos no campo das realizações?

Para responder a essas indagações é preciso um diálogo franco e aberto, próprio de quem pensa de forma genuína a concretização de uma escola pública de qualidade. Paulo Freire, Anísio Teixeira, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Emília Ferreiro, Bauman, Francisco Imbernón, Antônio Nóvoa e tantos outros são nossas inesgotáveis fontes de inspiração. Mas hoje o convite é para todas e todos nós, colaboradoras e colaboradores do ICEP, a pensar sobre o que temos feito para concretizar o nosso desejo? O que fazemos com essas referências que temos? Quando realmente utilizamos essas referências em ações práticas, nos nossos contextos de trabalho?

---

<sup>1</sup> Este artigo foi produzido coletivamente pelas coordenadoras pedagógicas territoriais com o objetivo de reafirmar as bases teóricas como um ato de afirmação política que ancoram as atuações do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP). Por: Elisabete da Silva Monteiro, Ana Cristina Falcão, Adriana Araújo, Cláudia da Hora, Janara Luiza Paiva Botelho Oliveira e Raidalva da Silva. Março de 2022.

---

Neste início de ano conclamamos a todas e todos a voltarmos a pensar em algumas dessas referências conceituais/teóricas que balizam a atuação do Icep para que mais uma vez pensemos juntas e juntos sobre a escola que desejamos construir.

O título deste texto é propositivo! Na condição de educadoras e educadores ressaltamos que... **“Outra escola é necessária e possível!”** e tudo que discurremos até aqui está intrinsecamente ligado e conectado. Para pensarmos um pouco mais sobre o título deste texto, utilizaremos a força das palavras de Freire, “Educar é um ato político” (1991), “Professores e alunos devem estar cientes das 'políticas' que cercam a educação. A forma como os alunos são ensinados e o que lhes é ensinado serve a uma agenda política”.

Diante do que foi dito por Freire, compreendemos que para a “outra escola” existir é preciso ação política. É preciso compreender que o que muda no âmbito de uma outra escola necessária e possível são as nossas decisões políticas, nossas iniciativas e posicionamentos em relação ao mundo que enfrentamos, mundo que vivemos, esse mundo complexo, desigual, muitas vezes distorcido, mas que nos desafia como pessoas, como cidadãos e como educadores o tempo inteiro. O que importa destacar é que é possível uma outra forma de ser escola. É possível outra forma de fazer aprender. É possível outra forma de organizar e desenvolver o currículo, outra forma de avaliar, outras formas de organizar o trabalho pedagógico, outra forma de gerir espaços e tempos, fora da velha ordem! Sim, sabemos que é possível! Mas como fazer? Como mobilizar os públicos com os quais trabalhamos a pensar que sim, é possível?

É possível que essa escola necessária requeira educadoras, educadores, estudantes, famílias, mais abertas e abertos aos diálogos propositivos e conscientes. Para que essa escola aconteça precisamos mobilizar e conchamar a todas e todos a ouvir com respeito e falar com seriedade e que essas ações se tornem comuns dentro e fora da escola para todas e todos. E ainda, é possível quando o que está em jogo não é o poder da hierarquia, mas a vontade de ser uma escola democrática onde toda e todos têm direitos e tenham a clareza de que a aprendizagem dialógica é premissa basilar quando se quer ser uma outra escola, conforme o Projeto Comunidade de Aprendizagem explica:

[...] A aprendizagem dialógica é produzida em *diálogos igualitários*, em interações nas quais é reconhecida a *inteligência cultural* de todas as pessoas e que são direcionadas à *transformação* dos níveis prévios de conhecimento e do contexto sociocultural, de modo que seja possível avançar até o sucesso de todos e todas. A aprendizagem dialógica é produzida em interações que aumentam a *aprendizagem instrumental*, favoreçam a *criação de sentido* pessoal e social, estão orientadas por princípios *solidários* e nas quais a *igualdade* e a *diferença* são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores. (AUBERT, 2018, p. 137)

É bem antiga essa discussão em torno da escola democrática e que assume o diálogo como necessário. Anísio Teixeira, em seu livro *Educação para a democracia* já defendia uma nova forma de fazer escola que estivesse centrada no enriquecimento do programa curricular com atividades práticas, tornando a escola parte da comunidade e conectada à vida. A concepção de Teixeira de um projeto educacional para o Brasil já considerava a necessária e indissociável relação escola-comunidade. Para ele, a educação não podia estar limitada ao espaço-tempo da escola, uma vez que a aprendizagem só é possível se contextualizada. Assim, aprendemos algo para executar uma ação, uma tarefa e/ou para compreender melhor o mundo em que vivemos e atuar na sua transformação. A educação centrada no conteúdo por si mesmo, apartado do contexto, carece de sentido e não mobiliza o interesse dos estudantes. Para ele a ‘nova’ escola só seria possível se tivéssemos uma política educacional que consolidasse a democracia e o direito à Educação, como ele mesmo diz, “Só existirá democracia no Brasil no dia em que se montar no país a máquina que prepara as democracias. Essa máquina é a da escola pública.”.

Talvez esse seja o nosso maior desafio, nossa maior agonia, nossa maior inquietação: como transformar a escola? Como fazer as educadoras e os educadores transformarem suas escolas? O Icep vem ao longo de sua existência, há mais de vinte anos, vivendo, nos mostrando isso. E aqui estamos nós, continuando esse projeto, mantendo aceso o desejo dessa transformação. Já vimos, ao longo desses anos, muito se concretizar, mas o tempo urge, voa e estamos e estaremos em constantes transformações, precisamos seguir evoluindo e compreendendo que nunca findaremos este desejo, porque sempre vamos querer mais e mais. Em seu novo livro *Nóvoa* reafirma o nosso lugar enquanto professoras e professores,

“Neste sentido, a questão da autoria pedagógica do professor é decisiva para pensar as mudanças na educação e na escola. É muito vulgar a afirmação de que, hoje, qualquer um de nós traz no bolso, no seu celular, mais informações, dados e imagens do que a ciência acumulou ao longo de séculos. Como trabalhar esta infinidade de

“conhecimentos”? Como compreender a sua constituição? Como separar o verdadeiro do falso, o real do fictício, os factos das opiniões? Numa palavra, como aprender a pensar, sabendo que nunca o poderemos fazer sozinhos. É para isso que precisamos dos professores, para comporem uma pedagogia do encontro.” *Nóvoa* (2021) ***O nosso lugar...***

Como somos desejosas e desejosos de transformações precisaremos refletir um pouco sobre o contexto atual da educação, ou melhor, o contexto atual da vida, o contexto atual do mundo. Em 2020, vimos o mundo parar, vimos por nossas janelas a vida literalmente passar. Por um momento ficamos atônitos, perdidos, mas a capacidade humana é fantástica, incrível. Mesmo no contexto do caos tivemos que nos reinventar: em nossa família, em nosso trabalho, em relação ao próprio mundo. O “novo normal” era esperado nas lives, nos noticiários, nos debates, nos encontros formativos e após quase dois anos o novo normal nunca chegou. Não existe mais essa normalidade que falávamos lá atrás, porque a pandemia

transformou o mundo, mostrou que nós precisamos nos adaptar às situações impostas, não podemos seguir em nossas zonas de conforto, teremos que conviver com as mudanças que ainda estão por vir e aqui estaremos para continuar nos transformando.

Nada foi programado, mas tudo estava pronto. Há acontecimentos, alguns até de grande importância, com pouco impacto no futuro. Há outros que, num instante, tudo muda. São “acontecimentos” que ocorrem em sociedades que já reconhecem a necessidade de transições e dispõem dos “instrumentos” para as concretizar (Nóvoa & Alvim, 2021).

Mas, e a escola? Será que ela acompanhou? Será que se transformou? Será que está se transformando? Será que outros processos foram incorporados às práticas pedagógicas, mas as concepções seguem intactas? Como enxergamos o momento atual da educação? Como nos enxergamos neste momento atual enquanto educadora, educador, formadora e formador? Boaventura de Souza Santos nos ajuda a encontrar respostas em seu livro *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*,

“Tudo parece ter começado a mudar nos últimos anos e as revisões profundas por que estão passando os discursos e as práticas identitárias deixam no ar a dúvida sobre se a concepção hegemônica da modernidade se equivocou na identificação das tendências dos processos sociais, ou se tais tendências se inverteram totalmente em tempos recentes, ou ainda sobre se está perante uma inversão de tendências ou antes perante cruzamentos múltiplos de tendências opostas sem que seja possível identificar os vetores mais potentes. Como se calcula, as dúvidas são acima de tudo sobre se o que presenciamos é realmente novo ou se é apenas novo o olhar com que o presenciamos. Estamos numa época em que é muito difícil ser-se linear. Porque estamos numa fase de revisão radical do paradigma epistemológico da ciência moderna, é bem possível que seja sobretudo o olhar que está mudando.” Boaventura de Souza Santos (1993)



Precisamos mudar o nosso olhar! No contexto atual, as discussões sobre a Educação ultrapassam os muros da escola, ganham força no seu entorno, criando a expectativa de novas formas de desenvolver a ação pedagógica que tenha como objetivo central a emancipação das estudantes e dos estudantes que podem construir seus conhecimentos para a transformação da sociedade, e mudar os seus contextos sociais de forma significativa e relevante para o presente e não mais para o futuro, porque o futuro é agora! Os *Jetsons* em 1962, já nos mostrava o futuro, mas ainda não tínhamos a capacidade de ver.

Para aprofundarmos essas reflexões iremos nos apoiar na fala de Ailton Krenak em uma palestra sobre o Tempo e Educação:

“Desde a modernidade, independente de sermos ocidentais ou orientais, fomos todos provocados a uma inserção no mundo que é de maneira competitiva. Essa competitividade que foi estimulada durante séculos acabou formando um mundo de pessoas que são jogadores, são dados. Se o futuro der certo, bingo! Mas o futuro não existe, existe o aqui e o agora. Estamos vivendo projeções de futuros muito improváveis. Que venham a acontecer, mas preferindo o futuro ao presente

(...) A fricção da vida proporciona um campo de subjetividade que prepara a pessoa para qualquer tarefa da vida. A gente não precisa formatar alguém para ser alguma coisa, mas antes pensar na possibilidade de proporcionar experiências que formem pessoas capazes de realizar tudo o que é necessário.” Ailton Krenak (2020)

Na perspectiva da educação transformadora, a necessidade de discutir as possibilidades de novas políticas públicas, pensando em uma reestruturação que amplie seus objetivos, transcendendo o ato de educar de forma descontextualizada para o educar de forma significativa, analítica e crítica faz-se necessário repensar as formas de prover a educação não mais na perspectiva do amanhã, mas na perspectiva da urgência do mundo atual. Para isso, as lutas e reivindicações propositivas de todos as pessoas que fazem parte da sociedade são fundamentais. Precisaremos sempre nos inspirar em Ferreiro (1985), quando nos diz que “por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa.”

Em razão disso, a escola deve assumir uma nova identidade educacional que esteja vinculada aos princípios de uma gestão livre e democrática, que considere o acesso a todas e todos de maneira equânime. Construir conhecimento não pode e nem deve ser privilégio de poucos! Pensar em educação de qualidade é também pensar em uma educação inclusiva, na qual a proposta seja objetivada por todas e todos e para todas e todos, respeitando especificidades e contextos econômico, social e cultural.

### ***As transformações da sociedade e a necessária mudança na educação***

Para entendermos a complexidade da sociedade atual precisamos compreender o acelerado processo de transformações em que o mundo se encontra. Um mundo que está inserido em uma ‘modernidade líquida’, onde o líquido faz uma metáfora com o que é fluido, dinâmico, provisório e efêmero. E como promover uma educação de qualidade para a sociedade atual que está inserida a esta modernidade líquida? Bauman (2003) nos diz que,

A modernidade imediata é ‘líquida’ e ‘veloz’, mais dinâmica que a modernidade ‘sólida’ que suplantou. A passagem de uma à outra acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana. A modernidade líquida seria ‘um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível’ Zigmunt Bauman (2003)

Se pensarmos nos líquidos, iremos sempre imaginar uma matéria em constante movimento, escorrendo, adaptando-se a novas formas, espalhando-se. O derramar dos líquidos nunca é calmo, acontece sempre de forma rápida e turbulenta, em ritmos e velocidades diferentes e o mais interessante é ver que ao se derramar, os líquidos percorrem caminhos diversos e vão o mais longe que podem. Derrame um pouco de

água no chão e veja o que acontece! Fazendo uma analogia a nossa prática, ser líquido é estar propenso a mudanças e promover mudanças por onde passa.

A “modernidade líquida” de Bauman mudou o nosso olhar sobre o mundo, alterou nossas rotinas, tornando tudo mais difícil de segurar, de conter, de estabilizar, de controlar, de desfazer tudo que ainda permanece sólido. Este conceito não é novo, precisamos entendê-lo como uma ação contínua ou ao próprio avanço da modernidade.

E o que isso tem a ver com a educação? A liquidez do ensino está exatamente na possibilidade de permitir que os conhecimentos circulem nos mais variados espaços e lugares. Que estejam nas mais variadas condições oferecidas aos sujeitos que estão em constante processo de aprender, sejam professoras, professores e estudantes em geral. O conhecimento é circulante e está em toda parte: *pen drive*, nuvem, sites, livros, nas sabedorias populares e nos textos acadêmicos. Temos agora um mundo em nossas mãos, cheio de oportunidades, mas o nosso papel é transformá-lo em algo consistente, consciente, relevante, significativo e integrado à fluidez da sociedade. Ratificando o valor de cada uma e cada um de nós neste mundo mesclado por ideias em rede.

Neste contexto, nos cabe voltar aos ensinamentos de Freire (1996), quando nos alertou que:

(...) nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. (FREIRE, 1999, p.30)

Ainda sobre o nosso papel de educadoras e educadores nesse mundo fluido, vale ressaltar que não há uma solução pronta. Para repensar e construir novas práticas escolares, pedagógicas é preciso tornar possível o que já era necessário há muito tempo na estrutura escolar. Será necessário um levante. Um esforço coletivo para ajudar professoras, professores, educadores das redes na reflexão de como se ensina, como se aprende e como se avalia. É preciso haver coerência conceitual entre o que dizemos acreditar e como realizamos na prática. Nessa escola possível, não podemos conceber que a professora ou o professor defina o que deve ser ensinado sem considerar os caminhos já percorridos por cada estudante sem compreender a sua perspectiva de aprendiz sobre o objeto.

Há hoje um vasto acervo científico de embasamento da concepção que norteia toda a proposta pedagógica e de gestão do Icep e que propõe um novo olhar sobre o fazer pedagógico, onde boas condições são criadas a fim de favorecer a participação efetiva das e dos estudantes em atividades intelectuais. Para entender melhor como ocorrem os processos de aprendizagens é de grande importância que todas e todos possam investir tempo e dedicação para conhecer/estudar um pouco sobre a concepção de alfabetização que

acreditamos, perseguimos e lutamos. Será preciso também, de alguma forma, romper com tudo o que sabem de suas experiências anteriores sobre como se aprende a ler e a escrever, afinal isso é responsabilidade de todos.

Concebemos a alfabetização como processo de apropriação crítica das práticas sociais de leitura, escrita e oralidade em que a criança, (adolescentes, jovens e adultos também) constrói sistemas interpretativos, pensa, busca resolver problemas na compreensão desse objeto social, singular e complexo, a escrita. E esse processo de construção precisa ser compreendido no nosso fazer como formadoras e formadores dessa instituição como um de nossos princípios. É por nos reconhecermos como sujeitos da interação e da escuta que só firmamos uma parceria após os três 'sim'. É por compreender que a aprendizagem acontece por assimilações sucessivas que a nossa Escola de Formadores fundamenta-se nos princípios de aprendizagens na perspectiva sociointeracionista. E é por tudo isso que cada ação, cada decisão tomada carrega em si um posicionamento político. As escolhas que fazemos não são aleatórias, buscam os melhores caminhos para a construção da democratização do acesso ao conhecimento.

Por fim, '*outra escola é necessária e possível*' e se alicerça no papel do protagonismo de cada uma e cada um de nós educadoras e educadores que se expressa no compromisso pela promoção da qualidade sociocultural e socioambiental da educação, rompendo paradigmas, ressignificando os processos, sendo atuantes e conscientes de que nossa ação precisa provocar inquietação na outra ou no outro a tal ponto de que ela ou ele possa também promover mudanças em seus pares. Ela será *necessária e possível* quando de fato se organizar e se projetar à frente do seu tempo e que possa se constituir como ambiente a ser construído de forma colaborativa, participativa, solidária, que discuta o currículo na perspectiva crítico-emancipatória e que corresponda a um processo construtivo do mundo que queremos e de resistência democrática no atual contexto histórico, político, social, econômico e ambiental em que vivemos.



## Referências:

AUBERT, Adriana ... [et al.]. **Aprendizagem dialógica na sociedade da informação**. São Carlos: EDUFSCar, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FERREIRO, Emilia. **Cultura escrita e educação: conversas de Emilia Ferreiro com José Antonio Castorina, Daniel Goldin e Rosa Maria Torres**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **A EDUCAÇÃO é um ato político**. Cadernos de Ciência, Brasília, n. 24, p.21-22, jul./ago./set. 1991.

ICEP – Instituto Chapada de Educação e Pesquisa. Palmeiras 2004. Disponível: <http://institutochapada.org.br/>. Acesso em: 05.03.2022.

NÓVOA, ANTÓNIO. **Escolas e professores proteger, transformar e valorizar**. Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52,1993 (editado em nov. 1994).

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia: introdução à administração educacional**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 263p.